

In: Goettert, Jones Dari; Mota, Juliana Grasiéli Bueno; Nunes, Flaviana Gasparotti e Ioris, Antonio (orgs). *Geografando Afetos: escritos, imagens e intensidades*. Editora Editora TotalBooks, Dourados, 2021. (No prelo)

## A “cabeça pensa onde os pés pisam”<sup>1</sup> e o que a boca come: geografias do plantar, colher e comer

Roberta Carvalho Arruzzo

*Em diferentes lugares, tem gente lutando para este planeta ter uma chance, por meio da agroecologia, da permacultura. Essa micropolítica está se disseminando e vai ocupar o lugar da desilusão com a macropolítica. Os agentes da micropolítica são pessoas plantando horta no quintal de casa, abrindo calçadas para deixar brotar seja lá o que for. Elas acreditam que é possível remover o túmulo de concreto das metrópoles [...] de dentro do concreto, surge essa utopia de transformar o cemitério urbano em vida. A agrofloresta e a permacultura mostram aos povos da floresta que existem pessoas nas cidades viabilizando novas alianças, sem aquela ideia de campo de um lado e cidade do outro. (Krenak, 2020, p. 21-22).*

Comer é um ato político, assim como semear, plantar e colher. A experiência de uma pequena horta, pensada dialogicamente como espaço de ensino, pode se desdobrar, de forma bastante profícua, em ações de extensão, pesquisa e diversas reflexões. A ação de cuidar de uma pequena horta tem nos estimulado, através da relação cotidiana com as pessoas e com os espaços da Baixada Fluminense (RJ), a criar atividades de pesquisa sobre seus cotidianos e práticas espaciais.

A prática docente, como parte do processo de ensino-aprendizagem, é transformadora de pessoas, como nos indica Paulo Freire. No caso deste texto, chamo atenção para seu aspecto transformador, para todos os lados do encontro que é atuar como professora e ministrar disciplinas em uma universidade. Como nos indica Krenak (2019), quando permitimos que os encontros com as pessoas e a vida nos afetem, deixamos entrar, em nossas subjetividades, sementes que podem germinar em pequenas e grandes mudanças. Essas mudanças desestruturam e reorganizam pensamentos e fazeres, desenraízam práticas e abrem caminhos para novos crescimentos. Nogueira (2008) também nos chama atenção que, na cosmologia Iorubá<sup>2</sup>, em especial relacionada aos conhecimentos de Orunmilá, “a vida

---

<sup>1</sup> Paulo Freire: a leitura do mundo (Por Frei Betto). Texto publicado no jornal Folha de São Paulo em 3 de maio de 1997, um dia após a morte de Paulo Freire.

<sup>2</sup> Consideramos aqui as perspectivas sobre filosofia africana com base em diversas obras de Renato Nogueira. Neste contexto, Orunmilá, que também pode ser visto com um Orixá, é aqui visto como um sujeito histórico e importante pensador, para quem “a filosofia pode ser definida como arte de viver na produção de sentido. Ou ainda, modo de vida orientado pelo autoconhecimento.” (Nogueira, 2018:31).

é uma experiência complexa em que os acontecimentos não possuem valor absoluto. Os valores estão localizados nas maneiras de relacionamento com os acontecimentos” (2008, p. 34). Pequenos sabores podem nos conduzir a novos saberes.

Neste sentido, este texto é sobre o que aprendi nos diversos encontros que tive ao ministrar a disciplina de Geografia Agrária para a licenciatura em Geografia do Instituto Multidisciplinar, em Nova Iguaçu (RJ), nos últimos nove anos, e ao cultivar, coletivamente, uma horta no campus universitário desde 2018. A prática docente se confundiu com a prática da agroecologia, abrindo os caminhos para reconhecermos as multiplicidades de aspectos pedagógicos dos atos de plantar, colher e comer, mesmo em plena região metropolitana de uma cidade da magnitude do Rio de Janeiro. Mas, ainda, buscamos aqui apontar alguns laços que se formam nestes encontros. Laços construídos com as mãos sujas de terra e o corpo suado, que continuam existindo mesmo quando a horta está, como no momento em que escrevo, parada há mais de um ano devido à pandemia de Covid-19. Acreditamos que ela nos espera para novos plantares e colheites; e nós, a ela.

### **Da horta para a Baixada Fluminense**

A nossa horta fica, como escrito acima, no campus universitário. Mas, necessitamos de mais precisão nestas informações e, ao mesmo tempo, de colori-las com tintas mais subjetivas. Nossa horta está no campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, localizado em Nova Iguaçu, município da Região Metropolitana da cidade do Rio de Janeiro e, também, de uma região conhecida como Baixada Fluminense.

A Baixada Fluminense<sup>3</sup>, localizada nas proximidades do recôncavo da Baía de Guanabara, foi sendo incorporada historicamente como área periférica da cidade do Rio de Janeiro e associada a inúmeras representações negativas, em especial relacionadas a imagens violentas. Muitas têm sido as iniciativas culturais, sociais e mesmo acadêmicas voltadas para desconstruir estes estereótipos. A presença de *campi* da UFRRJ em dois municípios desta região, acreditamos, pode contribuir para estes movimentos em diversos aspectos. O que mais nos importa aqui é que, na atualidade, a região onde a universidade está localizada é uma importante área periférica da cidade, assistindo a um público majoritariamente oriundo desta região e de outras partes da periferia metropolitana.

---

<sup>3</sup> Aqui estamos considerando os seguintes municípios como Baixada Fluminense: Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Queimados, Japeri, Paracambi, Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Magé, Guapimirim, Itaguaí e Seropédica. Poderíamos apontar diversas questões sobre esta regionalização, que não cabem neste artigo. Indicamos, porém: Rocha (2013), Barreto (2004) e Simões (2011).

A partir do diálogo e da troca cotidiana com estudantes, minha prática docente, pesquisas e relações com o entorno da universidade foram se transformando e, em diversos sentidos, se aprofundando. Das aulas, com debates intensos, e trabalhos de campo, passamos também ao planejamento e construção da horta que, rapidamente, passou a se relacionar com a Feira da Agricultura Familiar (FAF)<sup>4</sup> do Instituto Multidisciplinar. Estes encontros e trocas cotidianas com as agricultoras e os agricultores que frequentam semanalmente o campus universitário têm sido promotores de ainda mais intensas transformações em minhas perspectivas de pesquisa, ensino e extensão.

A horta foi se mostrando importante espaço de experimentação, de trocas e de estímulo à pesquisa. Ao nos relacionarmos, através das trocas de mudas, sementes, comidas, carinhos e dicas práticas, com os agricultores da feira e estudantes, foi se construindo um interesse coletivo em pesquisarmos e divulgarmos a agricultura e as agricultoras e os agricultores que residem e resistem atuando em Nova Iguaçu e nos demais municípios da Baixada Fluminense. A prática da horta nos encaminhou a questionarmos sobre a potência das práticas agrícolas nas periferias da metrópole carioca, na presença intensa de mulheres nestes contextos e na necessidade de divulgação e valorização coletiva destes alimentos comercializados por quem os produz.

Procurando realizar as pesquisas de forma horizontal, e com os feirantes envolvidos em todas as etapas, apresentamos uma proposta de pesquisa e mapeamento coletivo na última assembleia da FAF de 2019. A proposta foi aceita e, imediatamente, surgiram diversas ideias de ampliação da proposta inicial<sup>5</sup>. Infelizmente, ainda em março de 2020, as atividades de construção da pesquisa foram suspensas ainda antes de começarem efetivamente, devido à pandemia de COVID-19. O que fazemos com uma horta e uma feira (e as pesquisas relacionadas a elas) que não tem espaço para acontecerem, com a universidade em trabalho remoto?

As estratégias foram surgindo aos poucos. De encontros coletivos para debatermos textos e possibilidades práticas de ajuda mútua (Kropotkin, 2009) durante a pandemia, passamos para leituras sobre a história da agricultura na Baixada Fluminense, o que acabou sendo um ponto de inflexão em nossos encontros virtuais. A história agrícola da área que chamamos de Baixada Fluminense é bastante antiga e já esteve relacionada aos ciclos

---

<sup>4</sup> A Feira da Agricultura Familiar é oriunda do projeto de extensão coordenado pela Profa. Anelise Dias (PPGAO/UFRRJ). Sua implantação aconteceu inicialmente no ano de 2016 no campus de Seropédica e, em 2018, no Instituto Multidisciplinar, sob a coordenação da Profa. Edileuza Queiroz. (DEGEO/IM).

<sup>5</sup> Ainda em fins de 2019 foi escrito um primeiro projeto de pesquisas que recebeu aprovação da FAPERJ (APQ1) e aguarda a liberação dos recursos. Além disso, temos o financiamento (via FAPERJ e UFRRJ) de duas bolsas de Iniciação Científica.

econômicos da cana-de-açúcar e do café. Nas primeiras décadas do século XX, ações de saneamento, valorização das terras no entorno da metrópole do Rio de Janeiro e o estímulo à produção de alimentos<sup>6</sup> acabaram por atrair trabalhadoras e trabalhadores rurais que passaram a ocupar terras no recôncavo da Guanabara na condição de posseiros. Associado a isto, antigos proprietários e grileiros também passaram a se interessar cada vez mais pelo controle destas terras, para destiná-las a loteamentos, em grande parte. Neste sentido, nas décadas de 1950 e 1960 emergiram diversos conflitos por terra na região, além de um importante movimento embrionário de organização dos trabalhadores rurais. (Grynspan, 1987).

Para nós tem sido especialmente marcante conhecermos as lideranças destes movimentos de resistência e luta pela terra das décadas de 1940 e 1950 na Baixada Fluminense. Naquele momento, a importante atuação política de pessoas como Manoel Fernandes, José Pureza, Josefa Pureza e Bráulio Rodrigues foi fundamental para a organização de movimentos de resistência, associações e sindicatos, atuando contra os sequenciais despejos de posseiros que, por vezes, ocupavam as terras havia vários anos. Segundo Bráulio, “nós tivemos muita luta, muito despejo. Quando a gente era despejado, saía e voltava no outro dia. Os despejos eram feitos pelos que diziam que eram donos”. (Silva, 2008, p. 24). A resistência aos despejos era coletiva e intensa. Ainda, segundo Bráulio, “Naquela época, as ocupações se garantiam pela nossa força, a força de nós todos, juntos, com facão, com espingarda, com carabina, não sei o que mais”. (Silva, 2008, p. 25).

O pioneirismo de mulheres como Josefa Pureza é forte inspiração para nosso grupo e nossas ações cotidianas. Josefa lutou para que a mulher camponesa tivesse seus direitos e lutas específicas reconhecidas. Para os homens do movimento, Josefa indicava as contradições de suas práticas: “companheiros do campo e da cidade, nós falamos tanto da unidade dos trabalhadores para que nossas lutas sejam vitoriosas. Só que vocês não reconhecem as mulheres como parte desta unidade”. (Josefa Pureza, em Gheller, 1996, p. 92). Josefa atuou em diversos contextos nacionais e internacionais, lutando pela inclusão da mulher camponesa no debate político.

O Golpe Militar de 1964 desorganizou os diversos movimentos de resistência, luta pela terra e por direitos dos trabalhadores rurais do estado do Rio de Janeiro, ainda em processo de estruturação, e perseguiu as lideranças. (Medeiros, 2018). Segundo José Pureza, “a repressão foi implacável com os trabalhadores rurais e suas lideranças. Acusaram nosso

---

<sup>6</sup> Com a criação dos Núcleos Coloniais e Projetos Integrados de Colonização, por parte do estado. Ver Alentejano (2020).

movimento de subversivo, prendendo e perseguindo nossos companheiros. Muitos sindicatos foram impedidos de funcionar”. (PUREZA, 1982, p. 91). Muitas de suas conquistas foram desarticuladas, e áreas já desapropriadas voltaram para as mãos de proprietários ou grileiros. Ainda segundo José Pureza, “as 23 áreas desapropriadas foram quase todas devolvidas aos pretensos proprietários. Enquanto isso os camponeses fugiam para os grandes centros em virtude das arbitrariedades impunemente cometidas”. (PUREZA, 1982, p. 91).

Com crescimento urbano acelerado nas décadas de 70 e 80, associado, em grande parte, às dinâmicas de modernização da agricultura e ao êxodo rural (Santos, 2005), a região da Baixada Fluminense passou a se configurar como predominantemente urbana. Por outro lado, a produção agrícola, em especial de gêneros alimentícios, nunca deixou de existir em diversas áreas dos municípios da região. Neste sentido, a Baixada Fluminense nunca deixou de produzir alimentos através da agricultura (Geiger e Santos, 1954), mas a atividade vai deixando de ser relevante política e economicamente para as prefeituras, por exemplo.

O processo de modernização da agricultura também modificou profundamente as relações entre rural e urbano. Embora as práticas de urbanidades no rural e ruralidades no urbano (Rua, 2006) sejam antigas, em especial no que se refere à agricultura urbana (Mougeot, 2000), elas se desenvolvem num contexto metropolitano e de crise econômica. Autores como Drescher, Jacobi e Amend (2000), ressaltam que as práticas de agricultura urbana, para além de serem práticas comuns a todas as cidades, costumam também aparecer como uma possível resposta aos momentos de crise econômica, como o momento que buscamos abordar, através da produção informal e espontânea de alimentos nos quintais para reduzir o custo de vida. Associa-se a esta prática, também, a troca e repartição com vizinhos. Na cidade do Rio de Janeiro, em especial na Zona Oeste, vemos esta prática de agricultura urbana periférica também ganhando força em momentos de crise econômica e social. (Monteiro e Mendonça, 2004).

Neste sentido, a prática na horta nos encaminhou a dialogar com estas práticas de agricultura rural, urbana e periurbana, associadas às feiras de comercialização direta na Baixada Fluminense, buscando destacar sua importância econômica e social, bem como seus significados para quem produz, quem comercializa e quem consome. Somado a isso, torna-se cada vez mais urgente e necessário reconhecer as formas de existência (e de resistência) que caminham no sentido da criatividade, da coletividade, da solidariedade, das horizontalidades, especialmente em momentos de forte crise sanitária, social, política e econômica. (Bernardes, Arruzzo e Monteiro, 2020). Estas formas silenciadas de agricultura,

em especial em suas faces urbana e periurbana, na Baixada Fluminense, podem ser vistas como formas resistir nas cidades. Em muitos casos estas resistências são inventada (s) e/ou ressignificada(s) pelos mesmos sujeitos que enfrentaram os processos de êxodo rural, impulsionados pela de modernização da agricultura.

É importante também destacarmos o diálogo, numa perspectiva teórico-metodológica feminista, com homens e mulheres produtoras, comercializadoras e consumidoras, apresentando os aspectos interseccionais de gênero, classe e raça nas perspectivas da soberania alimentar. Segundo Shiva, “A perspectiva feminista é capaz de ir além das categorias do patriarcado que estruturam o poder o significado na natureza e na sociedade. É mais ampla e profunda porque localiza a produção e o consumo num contexto de regeneração.” (SHIVA, 1993, p. 51). O modelo de produção agrícola convencional está fortemente pautado na ciência e tecnologia, constituindo o que Santos (2000) nomeou de agricultura científica globalizada. Esta ciência, por seu turno, está muito mais voltada para dar conta dos imperativos da competitividade e produtividade numa escala de mercado globalizado, do que com a reprodução da própria vida.

A criatividade e a regeneração, próprias às sementes e à vida, tendem a ser dominadas e colonizadas. Para Shiva (1993), esta ciência é reducionista e baseada numa epistemologia ocidental e patriarcal, que deve ser contestada em bases feministas e que se associem a outras noções de natureza. Buscando caminhos para pensar uma geografia preocupada com a regeneração da vida (e não apenas com sua reprodução) optamos por um recorte epistemológico antipatriarcal, não baseado num “agricultor” genérico. (Silva, Arruzzo e Queiroz, 2019). Neste sentido, retomamos nossos diálogos com Josefa Pureza:

[...] para os burgueses, fazendeiros, patrões é mais interessante colocar uma venda nos olhos das mulheres e não deixar que elas vejam claramente o que acontece. Ou então colocar o pé no pescoço das que tem um mínimo de consciência para que morram caladas. (Gheller, 1996, p. 102).

As pedagogias de plantar e de colher nos levam, assim, a pisarmos com pé firme a região onde inventamos nossa horta, mesmo quando não pisamos, de fato, há mais de um ano nas terras públicas da universidade.

## **Da Baixada Fluminense para as hortas**

Hoje em dia, cultivar uma horta é o ato mais revolucionário dos tempos que vivemos. Porque é uma expressão das possibilidades de cada um. Aprender a cultivar ao menos uma parte de seus alimentos em um tempo de ditadura alimentícia, é revolucionário. Você garante sua própria comida. E também procura suas próprias sementes e isso significa que é parte do movimento de

libertação das sementes. Cultivar uma horta é, ao mesmo tempo, um ato de rebeldia e de esperança. Uma maneira de dizer: não me rendo. (Vandana Shiva)<sup>7</sup>.

A prática na horta nos abriu caminhos para a pesquisa sobre a própria região onde pisávamos, a Baixada Fluminense. No momento em que nos encontramos, impedidos de continuarmos com a produção prática na horta, foi justamente isso que nos manteve unidos e nos encaminhou de volta para novas hortas, como explicaremos melhor adiante. Ainda quando nossos encontros eram presenciais, a troca de produtos das hortas domésticas, mudas, sementes, experiências e o surgimento paulatino de projetos individuais dos estudantes quanto à criação de hortas comunitárias em seus demais locais de vivência, foram encorpando um entendimento de que a horta comunitária possuía um grande potencial multiplicador e pedagógico. Durante as atividades e discussões que viemos realizando, dois aspectos deste potencial multiplicador ganharam destaque para se pensar nossa horta comunitária urbana: a agroecologia, e experiências de economia solidária e ajuda mútua.

**Figura 1** - Xilogravuras realizadas pela autora para o Coletivo Colher Urbano, responsável pela horta.



Fonte: Acervo Colher Urbano, 2019.

A agroecologia e a economia solidária são os termos-chave que discutimos em nossos encontros presenciais e associamos às nossas práticas. As discussões a respeito da agroecologia representam um importante papel, pois, além de dialogar com diversos saberes, buscam aproveitar e incentivar as sinergias e diversidades dos agrossistemas e a necessidade

---

<sup>7</sup> No original: "Hoy en día, cultivar un huerto es el acto más revolucionario en los tiempos que vivimos. Porque es una expresión de las posibilidades y el potencial de cada uno. Aprender a cultivar al menos una parte de tus alimentos en un tiempo de dictadura alimenticia, es revolucionario. Te garantizas tu propia comida. Y de paso te procuras tus propias semillas, y eso significa que eres parte del movimiento Seed Freedom. Cultivar un huerto es al mismo tiempo un acto de rebeldía y de esperanza. Una manera de decir: no me voy a rendir." Ver: 'Lo más revolucionario es un huerto', entrevista a Carlos Fresneda.2013. Disponível em: <https://www.elmundo.es/elmundo/2013/10/07/balcares/1381134002.html>. Acessado em julho de 2020.

de construção de sistemas agrícolas e alimentares mais justos e igualitários. (Altieri, 1989). Um dos princípios básicos da agroecologia é a valorização da biodiversidade e a diversidade de cultivos, que deve ser apreendida através do estudo de práticas tradicionais camponesas e indígenas, desenvolvidas ao longo de muitos anos de experiência, indicando a importância de trocas e valorização de saberes. É o diálogo com estas práticas que buscamos priorizar em nossa proposta pedagógica e prática, considerando com igual relevância dados oficiais, textos acadêmicos e dados obtidos através da história oral além das trajetórias individuais das agricultoras e agricultores. (Cusicanqui, 2012).

**Figura 2** - A estudante de Geografia Daniele Nunes e seu pai nos ensinando a construir canteiros e plantar nossas primeiras alfaces.



Fonte: Acervo Colher Urbano.

**Figura 3** - Almoço coletivo da primeira colheita da horta com a participação de diversos estudantes e trabalhadores da Universidade.



Fonte: Acervo Colher Urbano.

**Figura 4** - Participação nossa em feiras de sementes.



Fonte: Acervo Colher Urbano.

**Figura 5** - Atividades de ensino e rodas de conversana horta.



Fonte: Acervo Colher Urbano.

No decorrer dos dois anos de funcionamento presencial, a proposta da horta foi demonstrando que não seria voltada para demandas alimentares individuais ou coletivas, mas como um espaço de pesquisa, diálogo e experimentação de práticas agroecológicas e solidárias, que possam servir de inspiração para a construção de projetos semelhantes em outros contextos. Ou seja, a horta se constituiu como um importante espaço pedagógico e de experimentação de futuros possíveis, de possibilidades de revoluções pessoais e coletivas, através da politização e experimentação prática do semear, plantar e colher<sup>8</sup>.

Em contexto de pandemia, impedidos que estamos de acessarmos o espaço da horta no campus, os nossos laços de afeto têm nos mantido conectados e nos conduzido a novas hortas. As conversas-ações em torno da agroecologia e de ações de ajuda mútua desenvolvidas em nossos tempos presenciais, nos estimularam a permanecermos ligados em torno das mesmas questões. Estas conexões foram se manifestando, além das já citadas atividades de pesquisa, em cultivos e práticas de pequenas e disseminadas hortas domésticas (ver Figura 6). As hortas em nossas casas ou outros espaços domésticos se conectam umas com as outras e com outros movimentos agroecológicos e sociais<sup>9</sup>. Propomos, assim, politizar nossas hortas domésticas e ressaltar a micropolítica envolvida nestas ações (já indicada na citação de Ailton Krenak na epígrafe deste texto). Plantar parte de nossa comida, como nos indica Vandana Shiva é nos contrapor ao que ela chama de ditadura alimentar.

---

<sup>8</sup> A horta tem sido gerida por um coletivo de estudantes e a autora deste texto. Este coletivo se chama “Colher Urbano”. As figuras apresentadas ilustram algumas ações realizadas ao longo destes dois anos.

<sup>9</sup> Ver a atividade organizada pelo Coletivo “Colher Urbano” em seu canal do Youtube Terra Periférica: “Conexões Campo-Cidade: Desafios e Diálogos entre Movimentos Sociais do Campo e Periferias Urbanas” com Luana Carvalho (MST), Beto Palmeira (MPA) e Timo Barthol (Roça!). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zAsXK-hvFDY>.

Plantar, colher e comer são, entre outras coisas, ações políticas e que, realizadas coletivamente, nos afetam de muitas formas.

**Figura 6** - Horta doméstica de Daniele Nunes.



Fonte: Acervo Colher Urbano.

### **Sobre conhecer os mundos com os pés e com a boca**

A ideia, muito presente em correntes filosóficas ocidentais, de que mente e corpo são uma dualidade é, igualmente, contraditória e disseminada. O conhecimento seria, nestes entendimentos, um atributo da mente. Aqui buscamos encerrar este texto com breves reflexões que nos mostram alternativas a esta forma de ver o mundo e o conhecimento. Nos propusemos a ler o mundo através de uma pequena horta num espaço universitário não voltado para as ciências agrárias. Através destas atividades práticas, aprofundamos os encontros com os estudantes e passamos a pisar o chão da Baixada Fluminense de forma diferente, nos abrindo a encontros antes inusitados. Ler o mundo também é ler o seu contexto. Ampliamos, inspirados em Paulo Freire, as muitas possibilidades de lermos o mundo através de onde nossos pés pisam, nossas mãos tocam, nossas sementes são

cuidadosamente plantadas. Pisar o mundo, cheirá-lo, tocá-lo, prová-lo, também é conhecê-lo.

Na filosofia Iorubá, que citamos rapidamente no início deste texto, a narrativa de como Orunmilá se tornou um grande conhecedor do Ifá, nos parece bem interessante para fecharmos nossas reflexões.

Nos tempos imemoriais, Olodumarê encarregou seu filho Obatalá, o senhor do pano branco, de definir dentre orixás, qual mais sabedoria teria. O motivo: definir quem Ifá guardaria. Obatalá precisou definir quem seria guardião de Ifá. Ele convidou Orunmilá para provar sua sabedoria, pediu-lhe que preparasse uma iguaria. Obatalá ordenou: “traga a melhor comida do mundo!”. Orunmilá aceitou o desafio e não demorou muito. Ele seguiu para a cozinha e colocou fogo na madeira, água na panela; do touro trouxe a língua e da plantaço, inhame. Na água quente em panelas diferentes, língua e inhame. Um tempero com raízes e flores. Orunmilá levou o prato até Obatalá, este depois de comer comemorou alegremente a melhor comida do mundo. Orunmilá estava sorridente; mas, quando pensava em agradecer ficou mudo. Obatalá pediu que ele fizesse a pior comida do mundo e sem demorar muito voltou com um prato de língua de touro com inhame. O senhor do pano branco observou a iguaria espantado, olhos esbugalhados, pensando: “como pode o mesmo prato ser o melhor e o pior?”. Mas, depois de comer confirmou que Orunmilá tinha acertado e, com a graça de Olodumarê, o consagrou senhor dos segredos de Ifá. (Nogueira, 2008, p. 34).

Nogueira nos apresenta diversas reflexões filosóficas a partir desta narrativa, mas gostaríamos apenas de ressaltar aqui um aspecto: o paladar como importante metáfora para o conhecimento. São os sabores e seus segredos que consagram Orunmilá. É através do paladar que Obatalá o escolhe. Não apenas a mente é quem conhece; pés, bocas e mãos podem ser importantes pontos de partida e chegada de novos caminhos. Assim, propusemos aqui algumas reflexões sobre como nos deixamos conhecer o mundo com tudo que faz parte desta enorme experiência que chamamos de vida (Krenak, 2021), e como isso pode modificar nossas geografias.

## Referências

ALENTEJANO, Paulo Roberto Raposo *et al.* **Luta por terra e Reforma Agrária no Rio de Janeiro (1950-1980)**. (no prelo) 2020.

BARRETO, Alessandra Siqueira. Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 5, n. 2, 2004.

BERNARDES, Júlia Adão; ARRUZZO, R. ; MONTEIRO, D. M. L. Geografia e covid-19: neoliberalismo, vulnerabilidades e luta pela vida Bernardes. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. p. 32-38, maio 2020

DRESHER, A. W., Petra JACOBI, and Joerg AMEND. "Segurança Alimentar Urbana: Agricultura urbana, uma resposta à crise." *Revista Agricultura Urbana* 1 (2000): 1-6.

GEIGER, Pedro P; SANTOS, Ruth L. "Notas sobre a evolução da ocupação humana na Baixada Fluminense". *In: Revista Brasileira de Geografia*. Ano XVI, n. 03, p. 291 - 313, julho- setembro de 1954.

GHELLER, Elza Maria (org.). **Josefa: a resistência de uma camponesa brasileira**. São Paulo: Paulinas, 1996.

GRYNSZPAN, Mário. Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950-1964). **Dissertação de Mestrado**. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1987.

Hovorka, Alice J. Considerações de gênero para a pesquisa em agricultura urbana. **Revista de agricultura urbana**, n 5.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A Vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Transformações nas áreas rurais, disputa por terra e conflitos sociais no estado do Rio de Janeiro (1946-1988). *In: MEDEIROS, Leonilde Servolo de. (Org.) Ditadura, conflito e repressão no campo: A resistência camponesa no estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Editora Consequência, 2018. p. 49-92.

MONTEIRO, Denis, MENDONÇA, Marcio Mattos de. "Quintais na cidade: a experiência de moradores da periferia do Rio de Janeiro." **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia** 1 (2004): 29-31.

MOUGEOT, Luc JA. Agricultura urbana: conceito e definição. **Revista de Agricultura urbana**, n. 1, p. 5-12, 2000.

NOGUERA, Renato. A questão do autoconhecimento na filosofia de Orunmilá. *In: Afrofilosofias e saberes diaspóricos: filosofias pretas nas palmas das mãos (dossiê)*. **Revista ODEERE** v. 3 n. 6 (2018):

PUREZA, José. **Memória Camponesa**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

ROCHA, André Santos. "Nós não temos nada a ver com a Baixada!": problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território. **Recôncavo: Revista de História da UNIABEU**, v. 3, n. 4, p. 1-22, 2013.

RUA, João. "Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades." **Campo-território: Revista de geografia agrária** 1.1 (2006).

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2000.

SHIVA, Vandana. Reduccionismo e regeneração: uma crise na ciência – *In: Ecofeminismo*, Lisboa, 1993.

SILVA, Bráulio Rodrigues da. **Memórias da luta pela terra na Baixada Fluminense**. Seropédica: EDUR, 2008.

SILVA, Mariane do Rosário; ARRUIZZO, Roberta Carvalho; QUEIROZ, Edileuza da Silva. Geografia, agroecologia e gênero: diálogos com mulheres agricultoras da Baixada Fluminense. *In*: OLIVEIRA, Anita Loureiro; ARRUIZZO, Roberta Carvalho. **Geografia, cultura, existência e cotidiano**. Editora entorno: Nova Iguaçu, 2019.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **Baixada Fluminense, sociedade e natureza**. Mesquita: Entorno, 2011.